

ROGER BASTIDE E ANGOLA — A LUNDA -- NA OBRA DE CASTRO SOROMENHO

FERNANDO AUGUSTO ALBUQUERQUE MOURÃO — DO CENTRO DE
ESTUDOS
AFRICANOS,
USP

A releitura de alguns trabalhos de Roger Bastide, em boa hora reunidos por D. Maria de Lourdes Santos Machado, *Estudos Afro-Brasileiros*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1973, sugeriu-nos trazer a público algumas idéias relativas à contribuição de Bastide à divulgação da literatura angolana.

Os primeiros trabalhos de Roger Bastide no Brasil, ainda hoje pouco conhecidos, tratam da análise do homem negro através da literatura (*A Poesia Afro-Brasileira*, editada pela primeira vez pela Martins, em São Paulo, 1943) ou a visão do negro através da literatura (*Estereótipos de Negros através da Literatura Brasileira*, editado pela primeira vez no Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, n.º 154, 1953), só para citarmos alguns. O sociólogo, com simpatia manifesta, procura, aliando-se a modelos de explicação sociológica, explicar e dar a conhecer aspectos da cultura afro-brasileira ainda desconhecidos ou não tratados em profundidade dentro de uma tradição mais descritiva.

Dentro desta linha, já de volta à França, Roger Bastide vem a se interessar pela literatura da África de expressão portuguesa e, especialmente, pela literatura angolana. A essa altura, um de seus discípulos diletos, Mário de Andrade, que mais tarde abandonaria parcialmente uma carreira universitária promissora para se dedicar à causa da independência de Angola, coloca Bastide em contato com a literatura angolana.

As leituras e obras de Roger Bastide, Arthur Ramos, Gilberto Freyre, além de outros autores brasileiros, a par da divulgação da revista *Présence Africaine* e dos autores por ela editados, e ainda de etnólogos como Leo Frobenius, Baumann e outros e, por fim, contato com os intelectuais do movimento da negritude, haviam despertado nas décadas de 40 e 50, principalmente nesta última, um interesse e um ânimo de redescobrir a especificidade cultural da África de língua portuguesa, no seu substrato negro.

Essas obras são lidas e relidas. Disputadas mesmo pelos jovens intelectuais cabo-verdianos, santomenses, angolanos e, em menor escala, pelos moçambicanos. Surgem movimentos literários em Cabo Verde, em Luanda. Os jovens universitários africanos, em Lisboa, e em Coimbra, começam a se preocupar com a realidade cultural de sua terra.

Português, nascido em Moçambique, mas angolano de coração, vive, escreve e publica seus contos, novelas e romances, em Lisboa, Castro Soromenho.

Castro Soromenho escreve uma obra ímpar em Portugal. Não é compreendido. "História de negros", dizem alguns, habituados que estavam a uma literatura fácil que se alimentava no exótico.

Seus contos e novelas e, mais tarde, seus romances obtêm boa divulgação. Mas poucos, muito poucos, entendem a obra. Foi necessário entrar na segunda fase, que Roger Bastide intitula, em conjunto com a primeira, *Duas Aguas*, título sugestivo emprestado do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, para que a crítica portuguesa entendesse que não se trata de "história de negros", mas sim de um vasto e longo plano literário que mostrava a África com suas forças próprias e sua individualidade.

A obra ainda não é entendida, mas incomoda.

Incompreendida em Lisboa, o escritor encontra eco entre os jovens angolanos, cabo-verdianos, e outros, que passam a freqüentar-se mutuamente. Pierre Hourcade, francês, em missão cultural em Lisboa, e o crítico português Alvaro Salema, até certo ponto, entendem a obra. Mas quem vai às raízes, quem a coloca no seu justo lugar, é, principalmente, Roger Bastide, não nos podendo esquecer do crítico norte-americano Gerald Moser e do tcheco Hampejs Hampl Zdenek.

Roger Bastide conheceu Castro Soromenho através de Mário de Andrade, àquela altura redator-chefe de *Présence Africaine* e aluno do mestre na Sorbonne. Andrade, que antes de trocar Lisboa por Paris, freqüentara a casa de Soromenho, providencia a tradução de *Terra Morta*, o primeiro romance da segunda fase que, impedido de sair a prelo em Lisboa, é editado em 1949 no Rio de Janeiro, pela Casa do Estudante do Brasil, a mesma editora que havia lançado a obra de Arthur Ramos. Roger Bastide apronta o prefácio e põe em evidência aquilo que ainda não havia entendido: a obra de Soromenho, para além de outros méritos, na sua estética e na sua trama, transmite, na primeira parte, a África, sua seiva, sua força, a especificidade de sua cultura e, na segunda, o drama, dos negros e dos brancos, ambos vítimas de um mesmo processo, de uma chaga, título que dá ao seu último romance da segunda fase. Este, aliás, como o primeiro, foi publicado no Rio de Janeiro, não tendo ainda merecido uma edição portuguesa.

No prefácio a *Terra Morta*, *Camaxilo*, na edição francesa de *Présence Africaine*, Roger Bastide vai ao âmago do problema: "si la miscégénéation a produit de bons résultats au Brésil, c'est justement parce que la colo-

nisation, jusqu'à l'époque de la découverte des Mines, y a été l'oeuvre de l'initiative privée et que le contrôle métropolitain a toujours été assez lâche". Castro Soromenho recria esteticamente, afastando-se do chamado romance de tese, não só a África especificamente negra, como, na segunda parte, o processo de ruptura, de uma dupla ruptura, num primeiro momento dando lugar a um sincretismo e, num segundo momento, já em nosso século, à imposição forçada da cultura do colonizador, momento de nova transição em que, se os interesses do colonizado não coincidem com os do colonizador, os deste também não coincidem com os da Nação Colonizadora, representada pelo administrador na obra do escritor. Obra localizada no espaço e no tempo, sem pretender generalizar, o que, aliás, é um de seus aspectos fundamentais.

As Duas Águas, dois momentos de um processo, limitados no espaço e no tempo, é posto em evidencia por Roger Bastide em *L'Afrique dans l'oeuvre de Castro Soromenho*, editado em Paris em 1959 por Jean-Pierre Oswald e que, em tradução de Mário de Andrade, é estampado como prefácio de *Histórias da Terra Negra*, onde Soromenho refunde parte das obras de sua primeira fase.

Roger Bastide e, posteriormente, Pierre Verger, abriram um caminho novo em relação à metodologia dos estudos do negro no Brasil, assim como Melville Herskovits, embora este siga trilhas diferentes. Bastide teve o mérito de, ao estudar o negro brasileiro, pôr em evidencia, aspectos dinâmicos da cultura africana, especificamente do mundo designado por alguns autores como mundo sudanês, por oposição ao mundo banto, até hoje mal entendido no Brasil. O formalismo do panteon sudanês, fruto já de uma cristalização, é gratificado pelos nossos estudiosos ante um quadro menos rígido e, portanto, mais dinâmico, da cultura chamada de banto que, se não se perpetuou entre nós através de um panteon, em muito contribuiu para a formação da personalidade do homem brasileiro, o seu aspecto coloquial, que em outra ocasião denominei de negritude nuançada.

Se, na obra sobre o Brasil, Bastide acentua a contribuição sudanesa, não dando maior importância à contribuição banto, ao prefaciar a obra de Castro Soromenho, esse autor francês, brasileiro de coração, começa a entrar no mundo banto.

Bastide, para além do rigor científico de sociólogo, pesquisou e escreveu imbuído de uma grande simpatia que, sem paternalismo, contribuiu decisivamente para o conhecimento das culturas negras. Ao revelar seus aspectos dinâmicos, a par de autores europeus e africanos que, nos últimos anos, nos deram, finalmente, a conhecer a especificidade da cultura africana, Roger Bastide contribui muito para clarificar as fases e mesmo um processo amortecido pelo tempo que, ao impor-se, começou a entender-se e cujo entendimento contribuiu para a sua imposição, quer nos seus aspectos especificamente africanos, quer como resultado de um devir universalista, matizado, nuançado em nosso contexto.

ROGER BASTIDE AND ANGOLA IN
CASTRO SOROMENHO'S WORK

The present article emphasizes Roger Bastide's contribution in divulging Angolan literature made known to the sociologist by the Angolan Mário de Andrade. The sociologist's interest in this African literature was responsible, in good part, for the valorization of the Angolan writer of fiction Castro Soromenho, whose novel, Terra Morta, Camaxilo, he prefaced in French translation.

The writer ends by saying: "Bastide, besides the scientific rigor of a sociologist, by research and writings, affections a great attraction which without paternalism contributed decisively to the knowledge of Black cultures".

ROGER BASTIDE ET L'ANGOLA DANS L'ŒUVRE DE
CASTRO SOROMENHO

Le présent article relève la contribution de Roger Bastide à la diffusion de la littérature angolaise, diffusion à laquelle a également participé l'Angolais Mário de Andrade. L'intérêt de Bastide pour cette littérature africaine a été responsable, en grande partie, de l'étendue de l'œuvre du romancier Castro Soromenho, dont il a préfacé le roman Terra Morta, Camaxilo pour la traduction française.

L'auteur de l'article conclut: "Bastide, outre sa rigueur scientifique de sociologue, a recherché et écrit, pénétré d'une grande sympathie, et sans paternalisme, a contribué décisivement à la connaissance des cultures noires".